



Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Artes Visuais - VIS

Danilo Santos de Aquino

Trilha Sensitiva Ambiental: Diálogos da Educação em Artes Visuais
com a Educação Ambiental.

Brasília 2020

Danilo Santos de Aquino

Trilha Sensitiva Ambiental: Diálogos da Educação em Artes Visuais
com a Educação Ambiental.

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – Ida, Departamento de Artes Visuais, VIS da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais. Período: 1/2020 Matrícula: 15/0122748.

Orientadora: Prof(a) Dra. Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa.

Brasília 2020

RESUMO

A descrição da aplicação didática do plano de aula que será apresentada neste trabalho de conclusão de curso, a aula denominada Trilha Sensitiva Ambiental, se deu após reflexões sobre metodologias, que colocam em diálogo experimentações de abordagens da educação ambiental

com a educação em Artes Visuais, utilizando-se também da linguagem da performance e de elementos folclóricos e imagéticos da cultura popular brasileira. Em um ambiente diferenciado e fora da escola, no caso uma trilha ecológica, apresentamos a proposta de fruição de diversas linguagens artísticas enquanto o aluno percorre uma trilha situada em uma reserva florestal de Brasília. Neste percurso nos dispomos a desenvolver novas formas de educar e sensibilizar as pessoas acerca da consciência ambiental, do potencial revolucionário e transformador da arte, por meio da criação de um plano de aula na Floresta Nacional de Brasília, chamado: Trilha Sensitiva Ambiental.

Palavras chave: Sensitiva; Ambiental; Diálogos da Educação: Artes Visuais; Educação Ambiental

SUMMARY

The description of the didactic application of the lesson plan that will be presented in this course conclusion work, the class called Environmental Sensitive Trail, took place after reflections on methodologies, which put in dialogue experiments with approaches to environmental education with education in Visual Arts, also using the language of performance and folk and imagery elements of Brazilian popular culture. In a differentiated environment and outside the school, in this case an ecological trail, we present the proposal for the enjoyment of different artistic languages while the student travels along a trail located in a forest reserve in Brasília. Along this path, we are willing to develop new ways of educating and sensitizing people about environmental awareness, the revolutionary and transforming potential of art, through the creation of a lesson plan in the National Forest of Brasilia, called: Environmental Sensitive Trail.

Keywords: Sensitive; Environmental; Education Dialogues: Visual Arts; Environmental education

Sumário

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO/ENSINO EM ARTES VISUAIS	6
1.2 - HISTÓRICO da ARTE EDUCAÇÃO	9
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS INQUIETAÇÕES	12
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA	16
3.1 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	18
ATIVIDADE 01 – RECONHECIMENTO TÁTIL	18

<u>ATIVIDADE 02 – ABRAÇAR-SE E RESPIRAR!</u>	<u>18</u>
<u>ATIVIDADE 03 – OUTRAS VISÕES</u>	<u>19</u>
<u>ATIVIDADE 04 - BANQUETE AS CEGAS</u>	<u>19</u>
<u>ATIVIDADE 05 - SERES ELEMENTARES.</u>	<u>20</u>
<u>ATIVIDADE 06 – SAGRADO</u>	<u>20</u>
<u>ATIVIDADE 07 - MASSAGEM E VAGALUMES</u>	<u>20</u>
<u>CAPÍTULO 4- TRILHA ECOLÓGICA</u>	<u>21</u>
<u>A FLONA tem como principais atrativos:</u>	<u>22</u>
<u>1.Trilha Jatobá e Pequi</u>	<u>22</u>
<u>2. Trilha União</u>	<u>22</u>
<u>CAPÍTULO 5 - OFICINAS DE EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS COM ENFÂCE EM</u> <u>EDUCAÇÃO AMBIENTAL</u>	<u>23</u>
<u>Oficinas de performance para execução durante a Imersão.</u>	<u>24</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>25</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>25</u>

INTRODUÇÃO

O primeiro pensamento que sinto é que a necessidade de expressar consiste no fato que o meu percurso enquanto graduando, causou uma profunda expansão em minha consciência,

em sua totalidade, ou seja, na minha consciência de classes, na minha consciência racial, de gênero e talvez até de castas. Porém vivenciar na mente e na pele o quão igualmente sutil e desumana é a luta de classes na UnB, como no mundo, me marcou profundamente. Os desafios na jornada até a diplomação são indescritíveis, e infelizmente na minha interpretação têm sempre um pano de fundo, da relação complexa entre as classes socioeconômicas. Se eu tivesse que fazer uma correlação entre a consciência ambiental e a de classes, diria com certeza que a luta de classes, é também um grande desafio para o desenvolvimento de uma consciência ambiental.

E é por meio dessa reflexão que eu me respondi o por quê de tantos fatos controversos ao longo de quase 13 anos tentando concluir o curso, fatos esses que vão além da escassez de recursos, transporte e etc... Como ter sido sistematicamente perseguido pela esquerda institucional, após a desocupação desumana de estudantes pobres do campus Darcy Ribeiro, ter sofrido evasão e retenção acadêmica, ter sofrido uma tentativa de homicídio dentro do campus, ser acometido da privação de auxílios assistenciais para pessoas em extrema vulnerabilidade socioeconômica, recursos que sempre me foram de direito, privação causada por agentes do Estado que usurpam o poder do mesmo por motivações arbitrárias, mazelas, personalidades, opressões e desumanidades que contradizem o espírito libertário da Universidade de Brasília e da Assistência Estudantil.

Mesmo assim o desafio da conquista do diploma para mim, sempre foi uma questão de honra e sem dúvida de esperança, perseverança, convicção no exemplo a ser dado para pessoas que compartilham a mesma origem, simplicidade e determinação, para um mundo melhor e pessoas melhores, menos hipócritas pelo menos na capacidade de superação e desenvolvimento humano. Lutar contra o preconceito e seus estigmas, e por aí vai. Com certeza vivemos uma guerra, sobretudo contra nós mesmos!

Neste meu caminhar tive a oportunidade, durante a disciplina Estágio Supervisionado 2, disciplina obrigatória para o curso de licenciatura em Artes Visuais, de estagiar em um equipamento público em Ceilândia, chamado Centro de Esporte e Artes Unificados - CEU das Artes – QNM 28 de Ceilândia Norte.

Devido a problemas de infraestrutura o local estava desativado, porém atividades fora do local, como oficinas por exemplo, ainda podiam ser executadas por pessoas com vínculo institucional. No mesmo período a professora que estava como minha supervisora, a professora de Artes Lidi Leão, estava participando de um curso de formação continuada para professores da Secretaria de Estado de Educação do DF - SEEDF, que ocorreu na Floresta Nacional de

Brasília - FLONA. Então ao final do curso decidimos planejar uma aula/imersão, aula essa que foi o trabalho de conclusão do curso que ela estava fazendo, e como podíamos executar a atividade tendo vínculo com o CEU das Artes, sendo eu estagiário, planejamos juntos a aula que nomeamos, “**Trilha Sensitiva Ambiental**”.

Os alunos desta aula foram: professores da Secretaria de Educação, artistas cênicos, músicos, artistas visuais, poetas, biólogos, geógrafos, trilheiros e interessados em participar de uma caminhada sensitiva/afetiva no cerrado da Floresta Nacional – FLONA/ Taguatinga. A proposta metodológica foi utilizar a arte como facilitadora para uma vivência na natureza e também instrumento para educação humana, compreendendo a aula como um produto cultural. Este trabalho me tocou profundamente e me estimulou a apresentar esta proposta de plano de aula, que desejamos repetir numa próxima oportunidade, integrando arte e educação ambiental em uma **Trilha Sensitiva Ambiental**.

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO/ENSINO EM ARTES VISUAIS

A citação abaixo foi escolhida para introduzir este capítulo tendo vista que a nossa abordagem metodológica não dialoga com a simples transmissão tecnicista de informações, sendo a proposta, assim como cita o autor, a de proporcionar condições de equilíbrio entre os sentimentos e a razão humana, para uma conexão e entendimento global da natureza, ou seja, estimular nossas percepções sensoriais de maneira empírica e racional, porém com o objetivo de nos conscientizarmos dos sentimentos que possam nos proporcionar equilíbrio, entendimento, principalmente através de um processo de autoconhecimento:

"O pressuposto norteador do método é que apenas as informações e conhecimentos são insuficientes para causar uma transformação na forma de os seres humanos se relacionarem com a natureza." (“VIVÊNCIAS NA NATUREZA E AS POSSIBILIDADES INVENTIVAS NA ... - Unesp”) É o equilíbrio entre o sentimento e a razão que proporciona o entendimento global da natureza (MENDONÇA, 2007).

Para Villaça (2014) é necessário, antes de discorrer sobre arte-educação, refletir sobre a arte e seus aspectos.

Vemos na definição do dicionário Aurélio (1993), que a arte é a capacidade que tem o homem de, dominando a matéria, pôr em prática uma ideia. Desta definição podemos extrair duas primeiras ideias:

“concretização de algo abstrato (transformar ideia em matéria) e domínio de um elemento, de uma fazer. Além disso, associa arte ao ser humano e sua capacidade de comunicação e introduz nesta aula a noção de estética, um tipo de relação não somente racional com a obra artística, mas que envolve também outros aspectos do ser humano, tais como emoção, percepção.” (Villaça 2014)

Segundo Jorge Coli, professor de História da Arte da Universidade de Campinas - UNICAMP:

“A arte tem assim, uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de ‘aprendizagem’. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma.”

A aula, Trilha Sensitiva Ambiental, demonstra empiricamente o potencial educador das linguagens artísticas no processo de ensino aprendizagem vivenciado na educação ambiental.

Durante a execução da aula, realizamos oficinas que tinham como objetivo principal, a conscientização ambiental, aproveitamos o momento de imersão criativa, para falarmos e discutirmos sobre as questões ambientais que julgamos de extrema relevância.

Durante as atividades notamos que os elementos estéticos na cultura popular tais como a arte indígena e a africana, possuem uma imagética familiar aos processos de imersão que objetivam experiências de vivências na natureza, tais como os bonecos gigantes, as danças de Orixás, as ornamentações indígenas, ou seja, os elementos da cultura popular estão intimamente ligados a elementos da própria natureza, o que causa uma fluidez que auxilia bastante no processo de facilitação de um estado específico de consciência.

A nova cultura do desejo, da autora Melinda Davis (2003), nos fala de algumas conclusões sobre estudos recentes da psique humana, uma das principais informações trata-se de um estado específico de consciência, chamado Estado Otimizado da Mente, que está intimamente relacionado às novas dinâmicas do desejo humano, seguindo a premissa que vivemos uma transição sem precedentes na história do psiquismo humano. Melinda Davis define (2003, p.99/100):

“Geralmente os indivíduos experimentam o novo desejo fundamental quando sentem necessidade de reduzir o estresse psíquico ou então quando estão em desequilíbrio interior e buscam por uma zona de segurança psíquica. : ...uma espécie de transcendência, espiritual ou não. Essa experiência é conhecida por muitos nomes: alfa, nirvana ou bem-estar. O estado de “O” é a consumação da nossa vida imagética, a experiência que nos faz sentir bem, vivos e saudáveis. É a nossa capacidade de sobreviver e prosperar mentalmente, o reverso do estresse psíquico tóxico, ao contrário de perder a sanidade. Simplificando, “O” é uma espécie de abreviatura para estado otimizado da mente (...) essa experiência máxima de bem-estar elevado é a recompensa orgástica da nossa era imagética (...) é o novo objeto de desejo da sobrevivência. Assim, a paz de espírito passa a ser o novo padrão de prazer, já que o mundo imagético traz à tona nossas loucuras, fobias, estresse, ansiedade e estados de loucura moderna coletiva.

Atualmente as necessidades espirituais excedem as materiais e a manifestação dessa situação é a ânsia de alcançar o que a autora denomina de estado de “O”. Constatamos que o estado de imersão psíquica causado pela aula dentro do ambiente da floresta e com vários elementos artísticos-imagéticos, é o mesmo estado de consciência citado pela autora, ou seja, o ato educativo nesse caso dialoga com o ato terapêutico, numa outra dinâmica de mercado, somos facilitadores de um processo de bem-estar e reorganização psíquica.

Sobre o termo Imersão no contexto das realidades virtuais e aumentadas, Kirner nos apresenta uma perspectiva sobre o conceito de imersão:

"A imersão, quando junto às mídias e tecnologias, pode ser usada com as ideias de realidade virtual e aumentada." A realidade virtual é definida como "uma 'interface avançada do usuário' para acessar aplicações executadas no computador, propiciando a visualização, movimentação e interação do usuário, em tempo real, em ambientes tridimensionais gerados por computador" (KIRNER, SISCOOTTO, 2007, p.7).

Ou seja, é um ambiente criado no computador, como outra realidade, onde o usuário pode interagir. A visão costuma ser a principal fonte da interação, porém também é possível usar o tato e a audição, por exemplo, durante a experiência desta realidade virtual. Já a Realidade Aumentada pode ser definida de diversas formas, contudo em todas há o consenso de ser um sistema que une o mundo real com o gerado pelo computador. Uma das principais diferenças que Claudio Kirner e Robson Siscoutto apontam entre a realidade virtual e a realidade aumentada é que: "A realidade aumentada precisa de um mecanismo para combinar o real e o virtual, enquanto que a realidade virtual precisa de um mecanismo para integrar o usuário ao mundo virtual" (KIRNER, SISCOOTTO, 2007, p.11).

Sendo assim, temos como problema de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso a seguinte questão: como os participantes poderiam se iniciar no uso da sensibilidade estética para compreender o papel dos sentidos na construção do conhecimento da arte e da Educação Ambiental.

Por fim vale citar Dias (2006) que traz o artista Kandinsky falando que a Arte é um alimento espiritual, mas que chegaríamos um tempo em que esse alimento estaria envenenado, dito isso acredito que é chegada a hora da transmutação dos valores anunciada por Nietzsche, a hora de nos permitir a pretensão de um novo alimento espiritual, que faça vir à tona o melhor de nós, para nossa sobrevivência e evolução enquanto espécie e seres planetários .

1.2 - HISTÓRICO da ARTE EDUCAÇÃO

Foi Herbert Read (1893-1968), poeta e crítico de arte britânico, que cunhou a expressão "educação pela arte". Segundo ele, a educação deveria passar pelos sentidos, membros, músculos dos educandos e não resumir-se a idéias abstratas, associando-a com a função

imaginativa, muito presente entre as crianças e os artistas (READ; RABAÇA e TEIXEIRA, 1982).

Este teórico defende que a arte e seu potencial sensorial pode, e talvez deva perpassar pelo corpo em sua totalidade, o que dialoga com a proposta da nossa aplicação didática quando incluímos na programação a realização de massagens, o intuito é proporcionar ao estado físico-mental mais agradável, causando assim uma facilitação da fruição artística e do objetivo de alcançar uma intensa vivência com a natureza e suas estéticas (OSINSKI, 2019).

Para John Dewey (1859-1952), a compreensão da experiência estética verdadeira passa pela consideração de seu "estado bruto" quanto às formas de ver e ouvir como geradoras de atenção e interesse, e que podem ocorrer tanto a uma dona de casa regando as plantas do jardim quanto a alguém que observa as chamas crepitantes em uma lareira. (...) a visão de Dewey sobre a arte reclama pelo total engajamento do artífice em relação ao produto que fabrica, assim como pela consciência sobre o seu processo (COMETTI, 2008).

O pensamento desses autores citados acima estão em diálogo com a proposta didática e o objetivo da nossa pesquisa de aplicação metodológica, pois em nossa abordagem procuramos proporcionar experiências sensoriais das mais diversas, considerando todas como linguagens artísticas, além de considerarmos toda a experiência corpórea sensitiva, incluindo massagens, como parte do processo educativo.

No Brasil, Ana Mae Barbosa renovou, na década de 1980 o ensino da arte, com sua proposta triangular, segundo a qual deve-se levar em conta as seguintes dimensões: apreciação, produção e contextualização. Esta proposta parte do princípio de que por meio da produção de arte a criança pode pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais (BARBOSA, 2001). É possível aplicar a proposta triangular da teórica Ana Mae Barbosa na aplicação didática que executamos, pois a apreciação de qualquer linguagem artística no contexto geográfico de um ambiente florestal, tem um efeito psíquico diferenciado dos ambientes didáticos convencionais. Quanto à produção, a participação nas oficinas pré-aula e a necessidade de direção e produção cultural, colocam os participantes em contato direto com os processos criativos e logísticos de produção e educação artística (GUERSON; SPOLAOR, 2010).

Quando indagamos aos participantes para que possam contextualizar as questões ambientais implícitas durante as abordagens lúdicas da aula é possível notar que as dinâmicas e provocações que surgem, facilitam os processos pessoais de reflexão sobre a natureza e o

meio ambiente, havendo um explícito diálogo com a dimensão contextualização proposta pela teórica.

Segundo Delors, et al. (1999) o Relatório a educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, via essencial que integra as três anteriores. As artes, pelas suas potencialidades integradoras, oportunizam ao ser humano o desenvolvimento de competências para a vida, sejam elas cognitivas (aprender a conhecer), sociais (aprender a conviver), produtivas (aprender a fazer) ou pessoais (aprender a ser), pois, há uma experiência estética viva e que favorece a inter e transdisciplinaridade, seja como disciplina em uma instituição de ensino ou como tema/método numa ação transversal (SANTOS, 2016).

Se direcionarmos os quatros pilares da citação acima ao contexto da educação em Artes e a Educação Ambiental poderíamos ter a seguinte reflexão: aprendendo a conhecer a arte e a natureza, adquirindo assim os instrumentos para compreensão das mesmas, como por exemplo a proposta de aplicação didática dessa aula/imersão que visa a assimilação de técnicas de produção artística com viés ambiental. Aprender a fazer arte: sendo as descrições das oficinas um exemplo de como fazer arte, e a agir sobre o meio envolvente, ou seja, o meio ambiente. e por fim aprender a ser a natureza e assim preservá-la (SATO; PASSOS, 2009).

O pressuposto central desta aula é que o diálogo entre essas duas áreas do conhecimento educacional: a artística e a ambiental oportunizam ainda mais, nós, humanos, ao desenvolvimento de competências para a vida, seguindo uma perspectiva dialógica com a educação ambiental, é preciso que seja dito: que essa transversalidade propicia, em nós humanos, o desenvolvimento de competências para a preservação da vida.

Considerando que não se separa arte da educação no processo transformador do indivíduo, cunhou-se a expressão arte educação, que considera que o processo educativo não é separado por espaço formal de educação, podendo acontecer em assentamentos, aldeias, sindicatos etc. Desta forma, o arte educador não é somente aquele com formação em licenciatura. Pode ser, por exemplo, um mestre da cultura popular. As artes estão sendo utilizadas como metodologia em diversas outras áreas do conhecimento, presentes como meio para apreensão ou vivência de conteúdos diversos, e também como área fim e específica para o aprendizado do eixo de cada uma das artes (artes visuais, música, teatro e dança). Já nas Organizações Não Governamentais (ONG) as artes entram como metodologia na formação

para a cidadania, na educação de valores ou nas diversas produções temáticas, unindo-se a experiência de formação de crianças e jovens artistas. Para o presente trabalho vamos tomar como conceito de arte-educação o que foi dito pelo Coordenador da Rede Brasileira de Arte-educadores Ney Wendell:

“Processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade”. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente (VILLAÇA, 2014).

Considerando os conceitos de arte e arte-educação discutidos até agora e de seus elementos até aqui pontuados, listamos algumas potencialidades do uso da arte como estratégia ou metodologia na abordagem de conteúdos de disciplinas diversas.

1. Possui capacidade de seduzir e mobilizar.
2. Facilita a abordagem de temas que são, em geral, tabus.
3. Permite ver ilustradas situações cotidianas.
4. Permite também o questionamento de padrões e valores estabelecidos.
5. Atinge o indivíduo (tanto quem apresenta quanto quem aprecia) em todos os níveis: racional, físico, emocional, espiritual e social.
6. Além do contato consigo mesmo, experimenta-se o contato com o outro também em sua plenitude.
7. Exercício coletivo.
8. Permite o contato com manifestações culturais de seu povo e de outras localidades.
9. É prazerosa, lúdica.
10. Torna-se também sedutor para instituições financiadoras (por seu potencial no que se refere a visibilidade).

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS INQUIETAÇÕES

Neste capítulo abordaremos questões culturais gerais no campo da educação ambiental, ou seja, na esfera jurídica, econômica, política e por que não espiritual sobre a questão, que tem se tornado uma discussão cada vez mais relevante para a mudança de paradigmas culturais e expressões comportamentais e estéticas do período histórico em que vivemos. Sobretudo no que é citado como consumo consciente, além de tendências discursivas que têm afetado o

mercado das Artes no mundo. Primeiramente vale citar alguns filósofos que refletiram algumas inquietações.

O teórico a seguir nos diz que há uma possível relação harmônica entre os seres do universo em diálogo com os fenômenos naturais do universo. A Educação em Artes Visuais e Educação Ambiental são instrumentos de facilitação de uma harmonia/experimentação dessa relação contínua entre os seres citada acima, segundo o autor na sua perspectiva científica, o pensamento complexo está em consonância com o nosso instinto formativo, ou seja, com a nossa habilidade de nos auto organizarmos psiquicamente, e também em diálogo com o pensamento de Nietzsche sobre o processo formativo que se dá com a experimentação de si, com o cultivo e dureza de si, na superação de si, na experiência de ser aquilo que se é, do mesmo modo que são as experiências e vivências que possibilitam o tornar-se o que se é.

O enfrentamento da problemática ambiental é constituído por diversas variáveis, valorizando uma visão da natureza do universo como uma relação contínua entre seres humanos e fenômenos naturais, e não como uma redução do mesmo a um conjunto de objetos e/ou existências individuais (BOFF, 1997).

As potencialidades didáticas da Educação Ambiental provocam um diálogo entre esta e a Educação em Artes Visuais, pois além de ser um instrumento de ressignificação e renovação do próprio pensamento/conhecimento humano. como citado acima, alça a estética, como elemento fundamental que viabiliza a compreensão do saber sensível dos fatores culturais e sociais, ou seja, afirma o potencial educativo e humanizador das linguagens artísticas no contexto da Educação Ambiental (DE MOURA CARVALHO, 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, Art. 2º:

“A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.”

Nota-se que há carências de várias ordens no campo da educação ambiental, o que há de sobra em previsões de recursos públicos na área jurídica falta em profissionais capacitados e comprometidos com a questão. De acordo com a legislação nacional vigente, a Educação Ambiental é uma modalidade de ensino obrigatória em todas as etapas do ensino público e privado, do ensino básico ao superior. Porém a falta de educadores habilitados a atuar na área é máxima, o que prova que ainda estamos nos primeiros passos da construção intelectual prática da Educação Ambiental. Um breve histórico da Educação Ambiental nos traz dados acerca

das primeiras iniciativas de mobilização política internacional no campo da Educação Ambiental (MARQUES; RAIMUNDO; XAVIER, 2019).

O marco inicial da educação ambiental no âmbito internacional é a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo em 1972. O vínculo indissociável entre desenvolvimento e meio ambiente é a base de um novo conceito de desenvolvimento denominado desenvolvimento sustentável.

“Art. 1º. Esta Lei altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o objetivo de tornar a educação ambiental como disciplina educacional obrigatória no currículo escolar.” “§ 10. A educação ambiental é componente curricular obrigatório dos ensinos fundamental e médio.” (BARBIERI; SILVA, 2011).

As Políticas Ambientais e de Educação Ambiental sofrem de um grande paradoxo em seus discursos políticos e na real consciência da necessidade da sua implantação, desde falas de campanhas eleitorais internacionais à obrigatoriedade dessa modalidade de educação formal em leis que já se encontram em vigência, há quem sabe ainda, uma grande dissonância em sua praxe. Não sabemos exatamente os reais riscos ambientais e econômicos para nosso país quanto as nossas riquezas naturais e de biodiversidade, se nos basearmos nas falas de políticos de todo o mundo, e mesmo com leis nacionais vigentes votadas e aprovadas pelos nossos representantes quanto à obrigatoriedade do ensino em Educação Ambiental, em todos os níveis de ensino, também não sabemos se o Estado e a sociedade darão prosseguimento ao desenvolvimento de uma cultura socio-ambiental.

Sobre uma perspectiva mais otimista o mundo caminha para uma profunda mudança nos paradigmas educacionais, culturais e políticos, no que se refere ao movimento ou pensamento que teve vários nomes, e que hoje chamamos de ambientalismo. Há naturalmente uma perspectiva utópica e distópica sobre a questão e seus efeitos diante de um novo mundo pandêmico, não binário, virtual e tecnológico que se revela cada vez com mais contundência. Porém se faz necessário pontuar a real influência que essa questão tem num ponto central da cultura que é o mercado e conseqüentemente o consumo, mais especificamente o consumo consciente. É notável a contribuição que a educação ambiental tem como potencial conscientizador no processo da criação e transformação de paradigmas acerca do consumo consciente. Contudo um dos maiores problemas sobre a questão ambiental, trata-se de pessoas conscientes, engajadas e habilitadas para atuarem na área; em todos os setores e principalmente no educacional. Mas a questão ambiental, ora ou outra, e cada vez mais se revela a disputar um protagonismo talvez decisivo para a preservação da vida, da concepção filosófica e cultural de uma nova sociedade, distópica ou não, e talvez da sobrevivência da espécie.

Atualmente o consumo consciente tem influenciado praticamente todas as áreas de marketing e publicidade, sempre com uma roupagem da utilização de materiais reciclados e biodegradáveis, afetando inclusive as relações sociais do direito do consumidor. Porém as contradições práticas e técnicas sobre a questão ainda carecem de mais racionalidade e coerência, por exemplo nas campanhas da utilização de canudos orgânicos que mantém o uso excessivo de plásticos em suas embalagens, com o nítido interesse de cumprir uma agenda de consumo consciente sem efeitos práticos reais.

Outro mercado que vem sendo afetado e influenciado pela questão sócio-ambiental é o mercado das artes que mantém um profundo diálogo com Educação Ambiental. A seguir será citada e analisada a última pesquisa e execução em parceria com a Educadora Ambiental Lidiane Souza Leão que é professora efetiva de Artes da Secretaria de Educação do DF.

Durante a disciplina de Estágio Supervisionado 1, que é uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura da UnB, houve a oportunidade de planejar e executar um gratificante trabalho artístico que denominamos de Árvore de Natal Reciclada. Através da doação de forros de PVC e arames, construímos um trabalho artístico ambiental decorativo com palavras que provocavam reflexões sobre as relações humanas, tais como Amizade, Família e Solidariedade. A produção chamou a atenção de uma gestora pública: a atual administradora da Região Administrativa de Arniqueira Telma Rufino, que nos convidou para construirmos uma decoração de Natal em locais públicos, utilizando também da técnica de reaproveitamento de materiais.

Cabe pontuarmos aqui algumas questões pertinentes acerca da ação didática que perpassa o trabalho decorativo em questão. Os materiais são basicamente pneus de borracha empilhados em forma de árvores de natal, decorados com tecidos e paletes de madeira cortados em formato de árvores de natal, ambos pintados com tinta óleo esmalte com compressor.

Nota-se que a manipulação estética que os materiais em reaproveitamento são submetidos causam uma reflexão ambiental e estética relevante no público que visualiza a produção. A questão ambiental, a ecologia e a sustentabilidade, todas essas palavras se resumem a uma causa: a causa ambiental, que clama por mais consciência ambiental. Um dos principais objetivos da causa ambiental é o desenvolvimento, a promoção e a construção da Educação Ambiental, sendo as linguagens artísticas e visuais um importante instrumento neste processo de conscientização.

É difícil negar que poluímos e causamos desequilíbrios no meio ambiente, salvo as reais comprovações científicas e oportunismos políticos e ideológicos, já não recebemos todos os sinais da natureza que precisamos preservá-la para nos preservar ?

Temos de reconhecer o impacto ambiental que causamos, como um comprometimento da nossa geração, assim como precisamos reconhecer nosso potencial político, intelectual e por que não econômico, de buscarmos um equilíbrio ambiental ao menos para a região onde vivemos, alcançando assim a verdadeira sustentabilidade.

Através de iniciativas ambientais, como a Imersão Sensitiva Ambiental e a árvore de natal sustentável provamos que com tolerância, articulação, sociabilidade, carinho e respeito, tendo uma equipe comprometida e dedicada à causa ambiental, podemos executar um trabalho coerente, útil, sustentável e educativo.

CAPÍTULO 3- METODOLOGIA

Antes de começar a descrever a metodologia vale citar aqui alguns autores que referenciam a importância didática e sensorial da educação ambiental

A percepção de mundo, para os seres humanos, se dá por meio dos sentidos sensoriais: audição, tato, paladar, olfato e visão. A união e o estímulo facilitam o processo de sensibilidade, intimidade e pertencimento. Como também despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. “Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas, também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política” (MOUSINHO, 2003, p.).

É difícil abordar questões da educação ambiental sem falar dos aspectos políticos que lhe são intrínsecos, mas se for seguido o pensamento do teórico referenciado acima, a questão ambiental é acima de tudo uma questão ética. E tratando-se de questões éticas lança-se mão de vários processos didáticos, como por exemplo, uma trilha ecológica permeada de afetos aos sentidos sensoriais.

As trilhas ecológicas, vão além de uma simples caminhada em ambientes naturais, pois as mesmas constituem um instrumento pedagógico, que proporciona o aprendizado prático da importância e influência dos recursos naturais na sobrevivência humana. Segundo Guimarães (2001, p. 01) as vivências na Natureza constituem-se em atividades de sensibilização

ambiental, envolvendo multi estimulação da acuidade perceptiva, cognitiva e afetiva, sendo incluídas ou não durante a realização das trilhas, onde é desenvolvido um processo de educação através de valores, de identificação com a paisagem, onde são enfocados aspectos relativos ao sentir-se e ser parte.

Dentre as diversas correntes e perspectivas que compõem o que se pode denominar como o campo da educação ambiental, a perspectiva vivencial parte do pressuposto que, além dos conhecimentos transmitidos de forma tradicional, o contato direto com o ambiente natural proporciona atitudes de respeito e cuidado, desencadeando um processo de consciência ambiental.

Denominada de Aprendizado Sequencial, a proposta de vivências na natureza, de Joseph Cornell, constitui-se de quatro fases que incluem diferentes jogos, por meio dos quais são trabalhados os cinco sentidos: despertar o entusiasmo, concentrar a atenção, dirigir a experiência e compartilhar a inspiração.

As atividades propostas pelo método de Cornell objetivam a ressignificação de sentimentos, desenvolvendo o respeito e admiração pela natureza. Assim, “cada brincadeira cria uma situação, ou uma experiência, na qual a natureza é a mestra” (CORNELL, 1996, p. 04).

Imersão, do latim *immersio*, sinônimo de mergulho, é a ação de se introduzir ou de introduzir algo num fluido/líquido. Também se pode tratar da introdução de alguém num determinado ambiente, seja este real ou imaginário.

Escolhemos a expressão imersão pois no nosso entendimento a analogia de estar mergulhado num determinado ambiente, representa bem o estado psicossocial de estar dentro da floresta, em condições sensoriais opostas a vivência urbana, ou seja, estar com os sentidos voltados para o Meio Ambiente.

A metodologia tem como princípio que nossos sentidos sensoriais se aguçam quando estamos em contato com a natureza e que sobre essa condição sensorial podemos ficar mais sensíveis a fruição artística, e vice e versa, ou seja, que as linguagens artísticas também podem facilitar nossos contatos sensoriais com a natureza.

As atividades propostas por Cornell foram a referência mais próxima da abordagem desta pesquisa pois mesmo que nossa abordagem não seja de jogos propriamente ditos, utilizamos no que se chama nas artes cênicas de dinâmicas, criando assim condições para uma

vivência agradável com a natureza, portanto nossa aplicação didática está em franco diálogo com esse teórico.

Dito isso, manifestamos de maneira organizada e contextualizada, diversas linguagens artísticas durante uma trilha ecológica, a seguir a descrição de como executamos nosso cronograma de atividades programadas, durante a SOS Imersão Sensitiva Ambiental que foi nossa prática de aplicação didática empírica.

3.1 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

ATIVIDADE 01 – RECONHECIMENTO TÁTIL

Atividade: Divisão em três grupos, todos devidamente vendados deverão separar de um lado o que julgarem ser do cerrado e do outro não, elemento mais leve e o mais denso. Elemento de cor vermelha e outro de cor branca. Tempo 10 minutos para separar.

Material: 03 BALDES/CAIXAS GRANDES contendo elementos do cerrado, lixo eletrônico, objetos estranhos.

Ao final de desvendar os olhos, cada grupo deverá apresentar como foi a vivência.

O objetivo dessa primeira abordagem é através da privação do sentido visual aguçar o sentido tátil, para em seguida provocar uma reflexão acerca da toxicidade dos materiais utilizados.

ATIVIDADE 02 – ABRAÇAR-SE E RESPIRAR!

Organização das duplas: espalhados pelo espaço, debaixo das árvores, olhar o horizonte, olhar o grupo, olhar a si mesmo, olhar os pés, tocar com a mão no chão, pedir licença para a mãe natureza, agradecer... Voltar a andar pelo espaço e alongar...

Aquecimento para a caminhada...convidar o corpo para viver essa experiência. Cumprimentar as pessoas. Todos vão se apresentar para o outro respondendo algumas perguntas: Nome, idade, onde moro, por que estou aqui? Depois de três rodadas/apresentações, forma dupla com a pessoa que vai ser seu parceiro cego pela floresta. Se apresentem!

Essa atividade visa um contato social e de apresentação do grupo que fará a trilha juntos tendo como o objetivo a formação de duplas que serão necessárias para a atividade posterior.

ATIVIDADE 03 – OUTRAS VISÕES

Início da caminhada na trilha. Em pares um guia o outro que se encontra de olhos vendados.

A descrição dessa atividade é que se formem duplas em que um dos participantes dos está de olhos vendados e outro não, sendo um guia do outro e que o guia provoque o outro participante a sentir a natureza com as mãos e com pés. e que se concentre também em ouvir o som dos pássaros.

O objetivo dessa atividade é provocar um contato sensorial mais aguçado com as texturas e sons da natureza, tendo em vista a privação da visão, além do mais possibilita também um exercício de alteridade e confiança no outro e portanto de socialização e interdependência...

ATIVIDADE 04 - BANQUETE AS CEGAS

Pausa para colocar as vendas, caminhar em fila indiana de olhos vendados, por uma curta passagem de tempo. Cada um dos participantes passará por duas bacias:

Primeira bacia contendo terra da Floresta e folhagem, lavar a mão com terra;

Segunda bacia contendo água da Floresta, hortelã e manjericão, lavar as mãos com água. Cada um receberá uma toalha e um copo pessoal que será usado durante o banquete.

Assim que sentar ao banquete conduzido por um dos apoiadores, já poderá investigar os elementos que estão dispostos, sem se levantar do lugar. Quando todos estiverem postos à mesa e já estiverem degustando de olhos vendados, receberão frascos de ensaio com várias essências: Baunilha, Chocolate, Anis, Canela, Rosa branca, Rosa vermelha, Hortelã, Coentro moído, Barro molhado, Álcool.

O objetivo dessa atividade é proporcionar a experiência de ter o sentido do paladar aguçado e do elemento surpresa de não saber o que está se ingerindo.

ATIVIDADE 05 - SERES ELEMENTARES.

Durante essa atividade surge de dentro da mata seres da natureza e da cultura popular, em formato dos tradicionais bonecos gigantes da cultura popular. Nesta atividade utilizaremos um boneco/personagem gigante, chamado Papa Lixo que movimenta a boca e tem uma sacola de lixo em mãos, o boneco fala com os participantes conscientizando-os da importância de se jogar o lixo no lixo, ou seja, utilizamos de um elemento da cultura popular no contexto da educação ambiental e da arte educação, para praticarmos um ato educativo.

Há também na mesma atividade a intervenção de manifestações de seres da cultura popular como curupira e oxum. O curupira surge da mata avisando que a floresta está pedindo socorro. Após essa intervenção, quando chegamos perto da cachoeira lava pés, surge Oxum que é um orixá da cultura de matriz africana que dança ao som da percussão executada no momento da atividade.

ATIVIDADE 06 – SAGRADO

Escultura composta por galhos de uma mandala em formato de órgão reprodutor feminino. Essa atividade tem como objetivo provocar a reflexão e o respeito que devemos ter com o arquétipo do feminino e sua relação simbólica com a mãe natureza.

ATIVIDADE 07 - MASSAGEM E VAGALUMES

Os participantes são convidados a se submeterem a uma massagem terapêutica enquanto assistem a uma chuva de vagalumes. O objetivo dessa atividade é demonstrar o poder terapêutico da massagem além de relaxar os corpos dos participantes das atividades. A chuva de vagalumes foi um presente a parte.

CAPÍTULO 4- TRILHA ECOLÓGICA

Trilha Ecológica é o caminhar dentro da área de preservação permanente (APP) que permite a interação com esse ecossistema, além de estimular o público a refletir sobre a importância da conservação ambiental. Nela o público, através do caminhar, contempla as espécies nativas que compõem a APP e entende qual a função dessas áreas para o equilíbrio da produção no cenário rural.

Área de Preservação Permanente, ou seja, área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas" (Código Florestal, Lei Federal 12.651/2012).

Na prática trata-se de uma faixa de terra para proteção de beiras de rios, nascentes, represas, topos de morros, etc. Os benefícios da APP são a conservação de solo e do curso d'água (em quantidade e qualidade), filtro contra agroquímicos, oferta de alimentos para os animais e geração de biomassa e fonte de conhecimento para manejo da vegetação nativa (madeira, frutos, sementes, fármacos, etc.). De forma geral é uma área que não pode ser explorada, devido aos objetivos focados principalmente na conservação dos recursos naturais.

No entanto, podem ser realizadas pesquisas e educação ambiental. Em alguns casos previstos em lei, para pequenos produtores e assentados, é possível realizar manejo da área para subsistência. (IBAMA)

Segundo o IBAMA, **Caminhada ou trilha ecológica** é uma atividade educativa e recreativa, que envolve a incorporação de princípios ecológicos traduzidos na prática de Educação Ambiental de vertente emancipatória (entendida como processos críticos de aprendizagem, sensibilização, tomada de posição e mudança de atitudes perante a natureza e a natureza humana); na adoção de critérios de atenuação de impactos socioambientais; e na difusão em linguagem acessível de conhecimentos multidisciplinares ou interdisciplinares sobre os locais visitados, utilizando, para isso, a orientação de profissionais qualificados ou pessoas treinadas.

A caminhada ecológica se realiza em locais onde a natureza oferece:

1. algum grau de preservação, conservação ou recuperação ambiental (isto é, que não seja excessivamente antropomorfizada);
2. atrativos cênicos, históricos e/ou estéticos;
3. temas relevantes para conhecimento e estudo de temas A Floresta Nacional (Flona) de Brasília, criada em 1999, protege uma área de cerrado de 9 mil hectares e é uma das unidades de conservação responsáveis pela sobrevivência das nascentes que irrigam a maior represa da região, a do Descoberto, responsável por aproximadamente 70% do abastecimento de água do Distrito Federal.(IBAMA)

A FLONA tem como principais atrativos:

1. Trilha Jatobá e Pequi

As trilhas são completamente sinalizadas para garantir a segurança e a autonomia dos caminhantes durante os passeios. O percurso corta diferentes formações de Cerrado e árvores exóticas (Pinus), compondo belas paisagens, que encantam os usuários.

Com um nível leve de dificuldade, a Trilha Jatobá possui 6 Km de extensão e a Pequi 12Km.

2. Trilha União

Recebeu esse nome por unir diversas unidades de conservação do Distrito Federal como a Floresta Nacional de Brasília, Parque Nacional de Brasília, Reserva Biológica da Contagem, Área de Proteção Ambiental do Planalto Central e do Rio Descoberto.

Juntamente com os circuitos Flona e da Serrinha do Paranoá formam a maior trilha para mountain bike do Brasil, totalizando aproximadamente 136 km de trilhas contínuas e sinalizadas.

Embora esse seja o maior circuito para mountain bike do Brasil, o atrativo também está aberto aos adeptos da caminhada.

CAPÍTULO 5 - OFICINAS DE EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS COM ENFÂCE EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

A descrição metodológica das Aulas/oficinas que farei a seguir se baseiam nas possibilidades metodológicas e de produção que as manifestações artísticas que compõem a Trilha Sensitiva Ambiental proporcionam aos seus organizadores.

Tratam-se de oficinas que têm a potencialidade de ensinar aos participantes como são executados os processos de criação das atrações, tais como: os materiais utilizados, as técnicas e conceitos das obras, bem como seus discursos didáticos, políticos e poéticos.

1. Primeira oficina

A primeira oficina é a de reaproveitamento de materiais encontrados e coletados no lixo, bem como madeiras, alumínio, peças que servirão eventualmente como composições estéticas, tais como os Ready Mades de Duchamp e etc. Em um primeiro momento vamos para uma saída de Campo, e entramos em contato com os materiais recicláveis descartados no lixo, com os devidos procedimentos higiênicos, e coletamos os materiais que julgamos necessários para a oficina tais como peças de madeira ou metal. Nesse momento aproveitamos para falar sobre a

importância da reciclagem e da coleta seletiva e o quanto a ressignificação desses materiais em objetos de valor estético e decorativos são relevantes no processo de tratamento com o lixo. Após esse momento, nos dirigimos ao local escolhido na floresta para a execução da oficina. Num primeiro momento falamos da acessibilidade econômica dos materiais utilizados, primeiro o lixo que não demanda nenhum custo financeiro e depois introduzimos uma técnica também de fácil acesso, que é a utilização do giz de cera, que é um material de baixo custo financeiro. Explicamos o conceito de suporte e também o conceito de cor e pigmento. Após esses ensinamentos e transmissão de conceitos e discursos ambientais e artísticos-visuais começamos a desenhar e pintar sobre os suportes de madeira e metal coletados com o giz de cera, orientando-os quanto às formas, texturas e pigmentação.

Nesse momento falamos do poder terapêutico da arte e da despreensão de produzirmos obras de alta qualidade estética e artística com foco no mercado das artes, e enfatizamos a relação com esses conhecimentos específicos, seu poder conscientizador e posteriormente o potencial de utilizar o objeto tanto durante a trilha quanto em suas residências, com a função decorativa, lançando mão, é claro de vários exemplos de objetos feitos pelo professor/facilitador.

Oficinas de performance para execução durante a Imersão.

Durante o percurso da trilha houve também manifestações da linguagem da performance: foram duas intervenções, uma que chamamos de pássaro do cerrado e a outra, a dança de uma divindade da cultura afro-brasileira chamada Oxum. Oxum, segundo a cultura iorubá, é um orixá ligado à água doce e às cachoeiras.

Como os artistas, convidados a compor o produto cultural que desenvolvemos, tiveram a necessidade de serem orientados e ajudados a suprir demandas de ordem de produção cultural como roupas, adereços, representações simbólicas e narrativas específicas para o contexto da imersão como um todo, percebemos que houve a necessidade de realizarmos uma oficina de produção e direção para os performers.

Durante a oficina de direção de performance orientamos o artista que representava o pássaro do cerrado, a surgir de dentro do mato, surpreendendo os participantes e a escrever no chão com um pedaço de graveto a sigla S.O.S, que significa socorro, como uma mensagem que representasse um pedido de socorro, vindo dos seres da floresta, seus habitantes.

A segunda manifestação performática nomeamos: A dança de oxum da cachoeira, que foi uma das últimas atrações da aula/imersão, e que aconteceu, de acordo com o contexto da mesma, ao lado de um lava pés que integra a trilha, sendo assim durante a oficina de performance orientamos a artista o local, o momento e a duração da atividade.

Uma outra atração que ficou sem ser executada por problemas técnicos de produção foi o "Papa Lixo" é um boneco gigante desses tradicionais da cultura popular do Nordeste do Brasil.

Eu era o artista designado a executar essa ação performática e participei de horas de oficina em um ponto de Cultura de Taguatinga-DF chamado Batalha das Artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de conscientização da espécie humana há os que visualizam a causa ambiental como uma vocação, como uma causa pela vida, que se manifesta por meio da educação, ou seja, é uma vocação essencialmente pedagógica. Há a consciência da necessidade de criarmos e ressignificarem o mundo e todas as coisas, talvez uma característica ontológica do gênero humano. E esse fenômeno antropológico e existencial virá do que está sendo sentido, pensado, vivenciado e experienciado agora, por nós e por todos os seres da vida. Nós arte educadores e educadores ambientais, somos guardiões da vida e da beleza da vida e todo conhecimento da vida clama por trabalho.

O lixo é um dos maiores problemas ambientais do mundo, a necessidade de reciclá-lo e também a necessidade de nos reciclarmos nesse processo. Durante essa experimentação metodológica nos deparamos com o livro chamado Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil. O livro descreve um diálogo entre o ato de reciclar e conceitos teóricos da psicologia Junguiana, descreve que o reciclar traz à consciência alguns arquétipos como: o arquétipo da Mãe-Natureza, que se manifesta como Gaia, Mãe Terra, na sua condição de planeta, e como mãe cósmica e universal, representando um novo começo, um ponto de partida, que leva a surgir a nova matéria prima e permite a volta à origem.

Acredito que a união da Educação em Artes Visuais e a Educação Ambiental por meio das Trilha Sensitiva Ambiental possa proporcionar diálogos e confluências estéticas,

metodológicas e didáticas que tragam benefícios aos alunos enquanto cidadãos de qualquer idade, sexo, nível social ou crença religiosa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOFF, L. A Águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997 apud <http://www.epea2017.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/05/408-E1-S1-A->
- BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio; AURÉLIO, Novo. Dicionário da língua portuguesa. 1993.
- BARBIERI, José Carlos; SILVA, Dirceu da. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 12, n. 3, p. 51-82, 2011.
- CASTIGLIONI, Ruben Daniel Méndez. Salvador Dalí: pintor e escritor. Cadernos do IL, n. 45, p. 123-140, 2012.
- COLI, Jorge. O que é arte. Brasiliense, 2017
- COMETTI, Jean-Pierre. Arte e experiência estética na tradição pragmatista. Revista Poiésis, v. 9, n. 12, p. 163-178, 2008.
- COMPLEXIDADE-EM-EDGAR-MORIN-E-EDUCA%C3%87%C3%83-AMBIENTAL.pdf (acesso em 05/07/2020).
- CORNELL, Joseph. Brincar e Aprender Com a Natureza. Ed. Melhoramentos, 1996.
- DAVIS, Melinda. A nova cultura do desejo. **Rio de Janeiro: Record**, 2003.
- DE MOURA CARVALHO, Isabel Cristina. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. Cortez Editora, 2017.
- DIAS, Daniele Gugelmo et al. São Jorge: espiritualidade e arte na amizade de Schoenberg e Kandinsky. 2006.
- DOS SANTOS, Janiene et al. Desejo na contemporaneidade. Pensamento & Realidade, v. 25, n. 1, 2010.
- DELORS, Jacques et al. Os quatro pilares da educação. **Educação: um tesouro a descobrir**, v. 4, p. 89-101, 1999.

- GUERSON, Milena; SPOLAOR, Lincoln Volpini. Ana Mae Barbosa e Luigi Pareyson: Um diálogo em prol de “re-significações” sobre ensino/aprendizagem de artes visuais. “Existência e Arte”-Revista Eletrônica do Grupo PET, 2010.
- MARQUES, Ronualdo; RAIMUNDO, Jerry Adriano; XAVIER, Claudia Regina. Educação Ambiental: Retrocessos e contradições na Base Nacional Comum Curricular. Interfaces da Educação, v. 10, n. 29, p. 445-467, 2019.
- MENDONÇA, R. Educação Ambiental Vivencial. In: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores, Vol. 2, 2007. p. 119-129.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 15-38, 2002.
- OSINSKI, Dulce Regina Baggio. “Os meninos diante de nós”: educação, arte e política na exposição de desenhos de escolares britânicos (1941). História da Educação, v. 23, 2019.
- PAIVA, Clarissa Amadeu de. Solúvel: entre o desenho e a mancha. 2011.
- READ, Herbert Edward; RABAÇA, Ana Maria; TEIXEIRA, Luís Filipe Silva. **A educação pela arte**. 1982.
- SANTOS, Wendel Souza. Andragogia e a educação de idosos, jovens e adultos. Alumni-Revista Discente da UNIABEU-ISSN 2318-3985, v. 4, n. 7, p. 38-47, 2016.
- SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Arte-educação-ambiental. 2009.
- TELLES, João A. Pesquisa educacional com base nas artes: pensando a educação dos professores como experiência estética. Educação e Pesquisa, v. 32, n. 3, p. 509-530, 2006.
- VILLAÇA, Iara de Carvalho. Arte-educação: a arte como metodologia educativa. **Revista Cairu. Salvador, ano**, v. 3, 2014.